

PRODUÇÃO DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA PRODUÇÃO: PROCESSOS DE ESCRITA ENTRE OS XAKRIABÁ E OS PATAXÓ DE MINAS GERAIS

Shirley Aparecida de Miranda
UFMG
mirandashirley48@gmail.com

Ana Maria R. Gomes
UFMG
anarabelogomes.bhz@gmail.com

As produções de materiais em línguas indígenas e, mais amplamente, de materiais de autoria indígena, tem crescido significativamente ao longo das últimas duas décadas, em boa parte, mas não exclusivamente estimulados pelas propostas de educação escolar indígena (cf. Lima, 2012). As políticas de promoção de materiais produzidos pelos próprios professores indígenas, objetivando atender ao que seria considerado as demandas de suas escolas, embora tenham sido descontínuas e imprecisas na maior parte do período, contribuíram para que se abrisse um cenário capaz de acolher, em muitos casos, processos e procedimentos que já vinham ocorrendo nas comunidades e, de uma certa forma, articulá-los à produção autoral escrita. A produção de livros em línguas indígenas tem despertado uma maior atenção e, nesses casos, muito vem a ser discutido quanto aos aspectos linguísticos dessas produções (AMARAL *et al.*, 2017; FERREIRA *et al.* 2014); ou problematizando o que seria uma literatura indígena (ALMEIDA, 2009; ROSA, 2017; DANNER *et al.* 2018). Já para o caso dos povos que têm o português como língua materna, não dispomos de trabalhos e/ou análises mais detalhadas. O que orienta a escolha de ambos os casos aqui apresentados, ou seja, trata-se de dois povos indígenas que têm o português como língua materna, com processos diferentes de reconstrução da língua indígena ancestral, e com percursos singulares de apropriação da escrita em português: os Xakriabá e os Pataxó de Minas Gerais. A partir do percurso de produção de alguns materiais mais específicos, iremos ilustrar processos recentes que resultaram em materiais em diferentes formatos, buscando evidenciar o amplo histórico a partir do qual se torna possível a concretização dessas produções, histórico que, de forma decisiva, delineia muitas de suas características quanto ao conteúdo e à forma final que assume o produto editorial. A perspectiva que orienta a apresentação dos dois casos busca evitar a simplificação de análises que situam esses processos e produtos como exclusivamente decorrentes do possível impulso que as políticas e propostas de educação escolar indígena vêm promovendo. Busca-se constituir um lugar de enunciação que situa tais ações no curso das interações desses povos com a sociedade mais ampla e especialmente com as agências de Estado, de forma a assumir e conduzir esses processos em sintonia e na direção de suas lutas e demandas, assim como forma de interagir e responder a processos internos, inerentes à história de cada povo e/ou comunidade (CUSICANQUI, 2010). É, portanto, nessa tensão entre ações e intenções que por vezes se revelam opostas, em mundos que são co-presentes e divergentes, ainda que de alguma forma articulados entre si (cf. DE LA CADENA, 2015), que

buscamos produzir os registros que aqui apresentamos. Eles vão se configurando a partir de um emaranhado de questões de toda ordem, que não somente aquelas que emergem de forma mais recorrente e explicitamente declarada na evolução das atividades, até a culminância na definição de um produto editorial com características específicas. Procuramos assim revelar o quanto esse “produto” é somente a ponta, ou a emergência mais visível de um processo bem mais denso e profundo, cuja significação responde também pela possibilidade de sua mais efetiva fruição. A produção de materiais escritos e sua circulação nas escolas e nas comunidades tem sido recorrente entre os Xakriabá e os Pataxó de Minas Gerais nos últimos 20 anos. O caso dos Pataxó nos traz um exemplo significativo de reelaboração original da escrita em associação com outras formas expressivas como o canto e o desenho, cujos processos de autoria são focalizados em alguns sujeitos. O caso dos Xakriabá nos revela o uso da escrita inserido em um significativo processo de (re)elaboração sobre a história local, com um procedimento de autoria coletiva negociada, com reverberações para muito além do efeito do texto escrito. Os dois percursos analisados em paralelo nos mostram as infinitas possibilidades de uso – e mesmo de recusa e de contingenciamento – da escrita, e de suas variações em termos dos produtos gerados e das formas de circulação desses materiais nas escolas e comunidades.

Palavras-chave: educação indígena – escrita indígena – Xakriabá – Pataxó

Referências

ALMEIDA, M. I. *Desocidentada: experiência literária em terra indígena*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

AMARAL, L.; AUTUORI, J.; GOMES, A. M. R.; SARAIVA, M. M. Diálogos entre a linguística, a educação e a antropologia na produção de materiais de alfabetização na língua sanõma. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ*. Volume 13, n.1 jan. de 2017, p. 104-125. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>> Acesso em: 26 ago. 2017.

CUSICANQUI, S. R. - *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DANNER, L.F.; PERES, J.S.D.; DANNER, F. A voz-práxis estético-literária indígena como ativismo e militância: algumas reflexões a partir da literatura indígena brasileira atual. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 375-396, jul.-set. 2018

DE LA CADENA, M. *Earth beings, ecologies of practice across Andean worlds*. Durham: Duke University Press, 2015.

FERREIRA, R. V.; AMADO, R. S.; CRISTINO, B. P. (orgs.). *Português indígena: novas reflexões*. Munique: LINCOM EUROPA, 2014. Pp. 146.

LIMA, A. M.M. *O livro indígena e suas múltiplas grafias*. Dissertação (Literatura Brasileira)
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, FALE/UFMG, 2012.

ROSA, F. M. (2017). A Literatura Indígena Brasileira: Um Movimento de Afirmação Política
e Identitária. *Brasiliana - Journal for Brazilian Studies*, 5(1), 285-317.
<https://doi.org/10.25160/v5.i1/d11>